

Cinema escrito

Luís Miguel Oliveira

Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema

João Mário Grilo, *O Homem Imaginado*, Lisboa: Livros Horizonte, 2006
ISSN 9789722414272

João Mário Grilo, *O Cinema da Não-ilusão*, Lisboa: Livros Horizonte,
2006, ISSN 9789722414166

No panorama altamente deficitário da edição de cinema especializada que é o português, há algo de heróico no facto de um autor publicar, ao mesmo tempo, dois livros. Foi o que fez João Mário Grilo, que publicou simultaneamente “O Cinema da Não Ilusão – Histórias para o Cinema Português” e “O Homem Imaginado – Cinema, Acção, Pensamento”, enquadrados na colecção “Horizonte de Cinema” da Livros Horizonte, uma colecção que tem um passado honorabilíssimo mas que se encontrava, havia anos, em modo desactivado.

Ambos os títulos compilam textos que João Mário Grilo foi escrevendo e publicando ao longo dos últimos vinte anos, e que se encontravam dispersos por edições de vários tipos – revistas, catálogos, enciclopédias. Independentemente de se poderem detectar diálogos e relações entre os dois livros, qualquer deles tem uma identidade própria e uma linha temática autónoma. Numa “Nota Liminar” incluída em “O Homem Imaginado” encontramos algo que não custa transpôr para o conjunto dos dois livros, como definição de um projecto e de uma intenção: “Este livro (...) é um livro político. Escrito em nome de todos nós, cine-filhos: dos que confiámos ao cinema o melhor das nossas crenças e emoções para dele recebermos, na sala escura, um modo prático de as colocar na vida. É uma dívida imensa que este livro procura, parcialmente, pagar” (p.10).

Em “O Cinema da Não-ilusão”, dedicado ao cinema português, a dimensão política, et pour cause, é mais saliente. João Mário Grilo coloca-se, e coloca a sua visão do cinema português, sob a égide de Manoel de Oliveira. A capa é ilustrada com uma imagem de “Acto da

Primavera”, para Grilo “talvez o filme mais importante da minha vida, o acto da minha própria primavera cinematográfica” (p. 127); e o realizador do “Acto” assina um interessantíssimo parágrafo, onde expõe resumidamente uma hipótese de topologia do cinema português a partir da ideia de “não-ilusão”, que não deve, avisa Oliveira, ser confundida com “a tentativa jamais conseguida do cinema-verdade” (p.7). Pelos textos do livro, que conciliam um carácter historicista com uma dimensão (ou uma interpretação) politicamente reivindicativa, o conceito de “não-ilusão” ganha um duplo sentido. Tanto alude a um vínculo com o real, e com um real específico mais do que com um real teórico e absoluto, que a partir do matricial “Acto da Primavera” (embora haja antecedentes) se assume como característica fundamental do moderno cinema português (do *Belarmino* à *Juventude em Marcha*, dizemos nós), como, a um nível mais metafórico e mais activo politicamente, à própria condição do cinema português: um cinema que não esconde o que é e de onde é, nem em que circunstâncias é feito, um cinema que recusa a ilusão de tentar passar por outro cinema. É neste sentido que ganha importância a questão da “dissidência”, que cruza o livro em mais do que um ponto (p. 33: “a cinematografia portuguesa (...) optou por desenvolver uma estratégia de combate pela afirmação da sua dissidência em relação ao modelo americano de colonização imaginária do planeta”), e que chega, em discurso directo, na transcrição duma conversa entre Grilo, João Botelho e Pedro Costa, precisamente intitulada “Elogio da Dissidência” – interessantíssima conversa onde transparecem, de maneira quase didáctica, as razões de uma “resistência” onde a obstinação solitária casa com a amargura de um combate homérico pela preservação de uma identidade que um país inteiro quer dissolver. “Roubando-nos os olhos, o Império rouba-nos a alma, pondo no lugar das nossas vacilantes utopias uma colecção esfarrapada de imaginários de importação” (p.35). Para além dos textos de história e de política do cinema português o volume integra uma entrevista concedida por Manoel de Oliveira a Grilo, e outra do próprio autor a Aníbal Tavares.

Tematicamente diverso, teórica e conceptualmente mais denso e exigente, até pelo contexto originário de vários dos seus textos (a universidade), “O Homem Imaginado” funda, logo a partir do título, um diálogo com alguns livros seminais na história da reflexão teórica e filosófica sobre cinema, concretamente o “Homem Imaginário” de Edgar Morin e

o “Homem Ordinário” de Jean-Louis Schefer. Resumidamente, trata-se de estudar e pensar o cinema a partir do espectador criado por ele, do “homem imaginado” pelo dispositivo cinematográfico, partindo da certeza de que o homem que viu os primeiros Lumières e os primeiros Méliès já não era “como os seus pais” (p.14). Os pequenos ensaios de Grilo nada têm, contudo, de sociológico, e estão muito mais próximos de Schefer, de Jean-Pierre Oudart ou de Jacques Aumont do que da perspectiva mais estritamente sociológica de Morin. É sobretudo a questão da percepção que lhe interessa (p.37: o cinema como “simples mas extremamente eficaz máquina de perceber”), em moldes limpidamente definidos: “a tensão cinematográfica é ainda hoje largamente herdeira desta fractura entre a cultura e a fisiologia, entre o cinema concebido como filmagem de argumentos, de histórias (...), e o cinema como atrator neurofisiológico, como pura criação cinemática, que se manifesta na produção de um tempo e de um movimento próprios e na sua recíproca agitação” (p.15). Embora o livro tenha outro lugar para ensaios de âmbito mais propriamente historicista, é esta vertente “fisiológica” que alimenta textos como “As Imagens de Morel”, antevisão do mundo digital (e curiosamente, datando de 1986, o texto mais antigo), ou “Um Presente Interminável”, fascinante ensaio sobre a “supressão” das elipses no “Zapruder film” (o filme amador que registou o assassinio de Kennedy) tal como foi operada por Oliver Stone em “JFK”.

Noutro registo, quase mais “confessional”, deve-se destacar o belíssimo “Pequeno Abecedário para Uso do Cinema”, versão portuguesa de um texto publicado (em francês) na Trafic. De A a Z, é um pequeno repositório de convicções, dúvidas, afeições, aversões, ideias, dívidas e devoções, em alguns casos sinteticamente transformadas em aforismos. “No mundo da Comunicação e do Audiovisual o cinema é o equivalente a uma disciplina de Religião e Moral” (p.47). Ou, o que vai dar quase ao mesmo: “Si vous ne croyez pas au cinéma... allez vous faire foutre” (p. 55, em francês no texto). Se acredita no cinema, leia estes livros.

[Texto publicado originalmente no suplemento *Mil Folhas* do jornal Público, em Dezembro de 2006.]